

**TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM: O ENSINO DA
GRAMÁTICA NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN/
*DIALOGIC LANGUAGE THEORY: GRAMMAR TEACHING
IN BAKHTIN'S PERSPECTIVE***

*Miriam BauabPuzzo**

Resumo: O objetivo desta pesquisa é procurar articular a teoria de Bakhtin e do Círculo com a proposta pedagógica de ensino de gramática exposta no artigo de Mikhail Bakhtin *Questões de estilística no ensino da língua*, traduzido para o inglês em 2004 e em 2013 para português, e ainda pouco conhecido entre nós. As questões levantadas no texto ilustram um aspecto de sua teoria voltada para a aplicação prática em sala de aula. Embora alguma prática dessa proposta não seja novidade para o ensino de gramática no Brasil, tendo em vista a obra do filólogo linguista e professor Othon M. Garcia (1912-2002) *Comunicação em prosa moderna* (1967, 1. ed.), é preciso pontuar aproximações e distanciamentos tendo em vista a teoria implícita que sustenta as reflexões de Bakhtin. Embora, neste texto, o autor não mencione sua teoria discursiva, ela está implícita nas sugestões de aplicação propostas por ele. Para cumprir essa proposta, recorre-se a aspectos comuns discutidos tanto por Garcia como por Bakhtin, pontuando a diferença: de um lado a gramática

* Professora da Universidade de Taubaté/ Unitau, São Paulo, Brasil; puzzo@uol.com.br

vista como recurso estilístico e de outro a gramática aplicada aos gêneros discursivos tendo em vista o conceito dialógico que amplia a proposta de Garcia estendendo-a ao contexto imediato de produção e circulação de enunciados, considerando o estilo individual e genérico.

Palavras-chave: teoria dialógica; gramática; ensino; Bakhtin; discurso.

Abstract: The purpose of this research is to articulate Bakhtin's and the Circle's theory of language with pedagogical teaching of grammar exhibited in the recently published notes of Mikhail Bakhtin's "Dialogic origin and dialogic pedagogy of Grammar", translated into English in 2004, and still little known among us. These notes illustrate an aspect of his theory focused on the practical application in grammatical classes. Although some practice of this proposal is not new to the teaching of grammar in Brazil, with a view to Othon M. Garcia's work Communication in modern prose (2000), we must point out similarities and differences in view of the implicit theory that argues Bakhtin's reflections. Although, in this text, the author does not mention his discursive theory, it is implicit in the notes about grammar proposed by him. To accomplish with this proposal, it resorts to both common aspects discussed by Garcia as for Bakhtin, punctuating the difference: on one hand seen as grammar and stylistic feature of the grammar applied to other genres considering the concept that extends the Garcia's consideration about parataxis and hipotaxis, on the other, extending it to immediate context of production and circulation of utterances, considering the generic and individual style.

Keywords: *Dialogical Theory; Grammar; Teaching; Bakhtin; Discourse.*

Introdução

O texto de Bakhtin a respeito do ensino de gramática numa perspectiva dialógica causa certa surpresa para quem está acostumado a ler seus textos teóricos. Também parece distante dos conceitos discutidos ao longo de sua obra, já que como uma atividade prática de sala de aula, sua preocupação maior é pragmática. O artigo foi escrito enquanto Bakhtin trabalhava como professor na escola ferroviária no. 39 em Savelova, Kalininskaia (Tver) Oblast e, ao mesmo tempo, na escola secundária em Kimri (1942-45) (BAKHTIN, 2004, p.11).

Apesar de discutir a estrutura sintática de vários trechos selecionados e demonstrar a diferença de efeito entre eles, como fazem muitos autores que tratam do estilo, esse texto ilumina algumas questões, se relacionarmos com a teoria discutida em vários textos de Bakhtin e do Círculo, em especial a dos gêneros discursivos e seus desdobramentos.

Nos comentários efetuados, nesse texto, aparecem aproximações com as observações de autores russos que se debruçaram sobre as questões da sintaxe, como os de V. Chernyshev, publicado no livro *Correctand pure Russian Speech*, a respeito da repetição de conjunções que Bakhtin menciona antes, ou o artigo “O papel da gramática no estudo do estilo” de A. M. Peshkovskii. O assunto, portanto, não é novo, o que difere é o enfoque dialógico que aparece de modo bastante sutil quando Bakhtin faz referência aos textos midiáticos, aos textos literários, à linguagem cotidiana em sua forma expressiva mais viva, portanto pensando já nos gêneros, na proposta de comunicação do enunciador e no público leitor.

À primeira vista, a proposta de Bakhtin não difere muito da de outros autores que tratam do estilo. No Brasil, a obra *Comunicação em prosa moderna* de Othon M. Garcia (1967) também é um estudo a respeito da linguagem, mas focado apenas nos efeitos textuais, portanto, nos recursos linguístico/estilísticos. Diferente dessa proposta centrada exclusivamente no texto, os comentários de aula de Bakhtin ilustram um aspecto de sua teoria voltada para a aplicação pragmática em sala de aula. De acordo com o parágrafo de abertura desse estudo, não é possível aprofundar as formas gramaticais sem considerar seu significado estilístico.

Entretanto o conceito de estilística distancia-se daquele postulado por Vossler (1872-1949), um dos representantes da corrente Estilística alemã (Bakhtin/ Volochínov, 2006), cuja finalidade restringia-se ao estudo do estilo do autor como fonte original de seu discurso. Como para Bakhtin o conceito de

estilo não está ligado apenas ao sujeito, mas está relacionado com o público leitor, portanto com o horizonte social de sua audiência (Bakhtin, 2003), o ensino de gramática deve estar vinculado à prática, portanto à língua em uso, num movimento dialógico e interativo.

Para melhor compreensão dessa proposta pedagógica, é preciso relacionar os comentários de Bakhtin professor, tomando como referência a teoria dialógica do filósofo linguista, ainda que neste texto não haja menção direta a ela. Por isso, refletir sobre as considerações de Bakhtin a respeito da língua em sua forma abstrata de ensino e sua aplicação prática, tendo como parâmetro referencial os conceitos teóricos que norteiam tais reflexões pode ampliar a prática e a utilização da língua viva em sala de aula.

Sendo assim, na observação dos comentários e das notas pedagógicas pode-se extrair um material profícuo para reflexão de práticas de ensino em sala de aula numa perspectiva discursiva, portanto mais abrangente que a simples menção aos efeitos que se obtêm no texto em si mesmo.

Para estabelecer uma sequência organizada desses comentários, parte-se da concepção de linguagem, dos conceitos teóricos de dialogismo e monologismo, de enunciado, enunciado concreto e gêneros discursivos, fundamentais na perspectiva de Bakhtin e do Círculo, para, na sequência, tomar alguns comentários do autor a respeito da estruturação sintática de frases paratáticas e hipotáticas, o efeito resultante da pontuação, dois pontos (:), travessão (-) e comparar com a proposta de Othon M. Garcia sobre o mesmo assunto. Por fim, chega-se ao resultado da aproximação e da diferença entre os dois autores, tendo em vista a perspectiva dialógica e sua contribuição para a pesquisa relativa ao ensino da norma e suas variações.

Teoria nuclear que fundamenta as notas

Antes de tecer comentários sobre as notas e sua contribuição, é preciso recuperar a concepção de linguagem que para Bakhtin e o Círculo é constitutivamente dupla. Tal duplicidade tem consequências teóricas importantes, com vários desdobramentos no que tange ao conceito de dialógico em oposição ao monológico, ao estilo e às práticas discursivas em geral. Apesar de a natureza da linguagem ser dialógica, Bakhtin apresenta o conceito de monologismo em oposição ao de dialogismo, o que parece contraditório em relação ao princípio conceitual

de linguagem. Faz-se necessário, portanto, discutir tais conceitos antes de enfrentar o texto, cujo título “Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar”, em inglês, conta com a tradução recente em português, diretamente do russo, sob o título “Questões de estilística no ensino da língua” (2013).

A que se refere à expressão “dialogic origin”? Estaria vinculada ao conceito nuclear de linguagem na perspectiva do autor ou estaria vinculada ao princípio filosófico associado à prática socrática do diálogo? Para tentar desvendar essa questão, as duas opções não são antagônicas.

Como Bakhtin parte de uma forma interativa instituída por Sócrates em suas reflexões filosóficas para, a seguir, discutir a linguagem como forma de comunicação humana, oral e artística, as duas possibilidades podem ser recuperadas. Também não está descartado o diálogo opositivo entre uma pedagogia dialógica e uma dialógica pedagogia. A antecipação do adjetivo tem uma conotação opositiva em português que na língua inglesa poderia ser indicada por “pedagogical dialogue” e “dialogic pedagogy”, como propõe (SKIDMORE, 2000, apud MATUSOV, 2009, p. 112-113). No primeiro caso seria o processo de trabalho com o diálogo interativo em sala de aula (questões propostas pelo professor para obter respostas dos estudantes) e no segundo caso de aplicação de um processo de ensino de questões gramaticais pautado no princípio dialógico da linguagem.

Para Bakhtin, a linguagem diferentemente da língua como paradigma, decorre de um processo histórico-discursivo em que se confrontam o eu e o outro, ou seja, o sujeito com sua experiência vital e a linguagem do outro que lhe é imposta desde seu nascimento e que já apresenta conceitos valorativos com os quais o eu se depara reagindo a eles no momento de sua apropriação comunicativa. A palavra segundo Bakhtin/Volochínov apresenta, como Juno, duas faces uma voltada para o sujeito e a outra voltada para o exterior:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do *locutor e do ouvinte*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (2006, p.117, grifos do autor)

Além disso, a palavra é o campo de luta da expressão do sujeito em relação à expressão herdada da comunidade, com a qual ele se defronta para expressar-se como sujeito, com sua proposta comunicativa e com seus valores:

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão como o produto da interação viva das forças sociais. (2006, p. 67)

Nessa linha de raciocínio, o princípio dialógico da linguagem serve de orientação para a proposta de ensino de gramática apresentado pelo filósofo linguista, embora a conceituação teórica não seja mencionada nas “Notas”. Além disso, é preciso considerar que o conceito de dialogismo é discutido em oposição ao monologismo. Entretanto, como o autor está elaborando conceitos ao longo de suas obras, esses dois termos assumem uma conceituação um tanto problemática se forem confrontados os significados contrastivos nos diversos textos de Bakhtin, como aponta Matusov (2009).

Para esse pedagogo que procura elaborar um princípio pedagógico pautado nas reflexões de Bakhtin, a distinção entre esses dois conceitos é fundamental, por isso ele procura discuti-los extraindo questões positivas dessa aparente contradição a partir da conceituação desses termos nas diversas obras, principalmente em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2002) e na coletânea *Estética da criação verbal* (2003). Segundo esse autor, a oposição entre esses termos nem sempre muito clara pode ser explorada de modo positivo no plano da educação. Nessa perspectiva, há três modos de entender a conceituação de tais termos ao longo das diferentes obras: oposicional, complementar e excessivo. Enveredando numa pesquisa de interesse educacional, portanto, na esfera da pedagogia como processo educativo no ensino fundamental, discute as implicações e utilidades dos dois conceitos considerados essenciais. Desse modo, o autor cria uma proposta denominada pro-dialógica, analisando as forças centrípetas e centrífugas que entram em sintonia em sala de aula.

Esse comentário é importante como resultado de pesquisa pedagógica, inspirada na proposta de ensino de gramática de um ponto de vista dialógico como Bakhtin apresenta de acordo com o título da versão em inglês do artigo (2004). Apesar de não tecer nenhum comentário teórico, ele está implícito no processo de encaminhamento e comentários em sala de aula a respeito das estruturas sintáticas e seus efeitos nos enunciados. Como afirma Gogotishvili (2013), na introdução às “Notas”, o texto de Bakhtin vai além dos limites de uma metodologia de ensino.

Do ponto de vista do conteúdo, observa-se uma consonância com os trabalhos teóricos do Círculo de Bakhtin, presente nas obras *Marxismo e Filosofia*

da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem (2006), a segunda parte de *Problemas da poética de Dostoiévski* (2002) e especificamente o ensaio “O problema do texto” publicado na coletânea *Estética da criação verbal*, em que o autor mostra os paralelos léxicos e teóricos com os outros trabalhos. Para esse intérprete, o artigo de Bakhtin apresenta dois níveis estruturais, dirigidos a dois tipos de leitores: professores ou especialistas em metodologia de ensino e linguistas, embora no nível linguístico o artigo não seja transparente (BAKHTIN, 2013, p.49).

Portanto, é possível estabelecer relações entre a proposta pedagógica e os conceitos discutidos por Bakhtin e pelo Círculo. Partindo do título, discute-se a distinção entre um processo monológico e outro dialógico em que pesem as diferenças polissêmicas de sentido que tais termos sinalizam nas diferentes obras, como aponta Matusov (2009, p. 11)¹.

Sem enveredar pela discussão terminológica, o conceito de pedagogia, do ponto de vista tradicional, está relacionado a uma forma de ensino que parte de um pedagogo como autoridade a ditar um caminho, uma prática, sendo por isso um modelo a ser seguido. Nessa perspectiva, seria de natureza monológica para seguir a concepção bakhtiniana, tendo em vista que a autoridade do pedagogo se impõe como instrutor.

Em um comentário a respeito dos diálogos de Platão, Bakhtin descaracteriza o conceito dialógico daquele processo porque, segundo ele, do ponto de vista filosófico é impossível uma interação “substantiva de consciências”, por isso o diálogo não se configura como tal. Para o autor, “o sujeito que é cognoscente e domina a verdade ensina ao que não é cognoscente e comete erros...” (BAKHTIN, 2002, p. 80). Essa é a forma usual com que a pedagogia é entendida e como foi praticada ao longo do tempo. Esse processo nem sempre negativo às vezes é necessário como primeiro procedimento para informação teórica. Entretanto, quando Bakhtin associa a prática pedagógica ao conceito dialógico, pode haver alguma confusão.

Num primeiro momento é possível interpretar a proposta dialógica como uma forma de ensino de perguntas e respostas prontas que o professor já tem

¹ Reading Bakhtin's texts I became confused about how he used the terms “dialogue” and “monologue”, the key terms in his approach. Rather than treating this confusion negatively, I decided to treat it positively as a useful conceptual polysemy.

planejado, ou seja, os alunos devem chegar às respostas esperadas. Contudo, esse seria um processo monológico, segundo Matusov (2009), pois é dirigido por um princípio de mecanização entre certo e errado, sem levar em consideração outras possibilidades que abrissem espaço para respostas alternativas. Seria um modelo de diálogo/monológico. Já numa outra perspectiva, o processo dialógico nivelaria as posições professor/aluno, porque a autoridade do pedagogo deixaria de ser o centro para ser o mobilizador de conhecimento interativo, sendo ele próprio um aprendiz tanto quanto o aluno. Entre esses dois extremos, a posição adotada nas “Notas” é a de um intermediário que propõe um olhar atento para questões que os alunos não conseguem observar integralmente nas estruturas sintáticas que assimilaram de modo mecânico, pois sabem substituí-las, sem contudo analisar o resultado de tais substituições.

Portanto, ao propor uma forma de ensino dialógica para o segundo grau, Bakhtin pressupõe que esses conhecimentos já tenham sido assimilados, pois em seu comentário afirma que os alunos aprendem a usar construções sintáticas subordinadas, mas não sabem estabelecer os efeitos de sentido que a escolha de uma ou outra construção equivalente proporciona nos enunciados. Por isso propõe demonstrar a esses estudantes os efeitos de tais construções a partir de uma proposta comunicativa, usando trechos de comunicação oral ou literários.

O que se observa é que Bakhtin pressupõe, pelos exemplos e comentários que propicia, um processo relacional de vários níveis: tanto no que tange ao ensino, quanto na mobilização de conceitos gramaticais entendidos no processo discursivo em que enunciador, proposta, contexto, leitor presumido e veiculação entram em sintonia, portanto, põe em circulação os conceitos teóricos de linguagem, de gêneros discursivos, de estilo e de tom valorativo. Em um trecho da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, as considerações de Bakhtin a respeito do estudo da linguagem em oposição ao estudo linguístico, ilumina a forma de abordagem presente no artigo (2013):

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego... está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto

tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. (2002, p. 183, grifos do autor)

Por esse recorte, é possível perceber nas anotações de aula que o professor filósofo estava procurando adaptar a prática pedagógica a sua teoria, embora não fizesse menção a ela. Também é preciso considerar o momento de elaboração desse texto, e as condições do público a que se dirige.

O contexto de produção da teoria bakhtiniana está situado na primeira metade do século XX na Rússia e as observações de aula devem ter sido elaboradas no final desses anos momento em que Bakhtin exercia a função de professor de língua. Pela referência ao contexto de produção dos alunos russos, naquele momento, é possível inferir que o ensino de língua estivesse pautado pela forma monológica, ensino mecânico das alternativas sintáticas propiciados pela norma gramatical. Nesse momento, o ponto de referência era a prosa literária e a forma de expressão seria mais formal, com predomínio de períodos longos e subordinados, conforme aponta o autor.

Segundo Bakhtin², as frases subordinadas estruturadas sem os elementos coesivos não eram encontradas nas redações dos alunos dos graus secundário e médio. Por isso, os alunos mostravam-se completamente incapazes de empregar tais formas em seus textos e não eram capazes de trabalhar com elas de modo criativo.

É possível inferir, por meio desse comentário, que naquele momento tanto o ensino de língua como a prática dos estudantes estavam voltados para a formalidade estilística, própria da literatura do final do século XIX. Momento em que as formas de produção de gêneros de esferas mais orais ou dirigidas a leituras rápidas estavam ganhando espaço na sociedade. A renovação das formas de expressão, motivadas pelo contexto moderno, pouca atenção despertava na

² Na versão em inglês esse tipo de construção é indicado pelo termo “parataxic sentences” (BAKHTIN, 2004, p.4) que as tradutoras do texto em português preferiram substituir por orações subordinadas sem conjunção. Usamos o termo parataxe e hipotaxe, seguindo a nomenclatura empregada por Othon Moacyr Garcia, para distinguir as construções sintáticas que se articulam por justaposição e por coordenação, das subordinadas que se estruturam pelo uso de termos coesivos. O termo parataxe também é explicitado na obra de Haroldo de Campos (1963) para demonstrar o processo de construção poética do Concretismo.

academia, voltada para a leitura de obras clássicas, principalmente românticas e realistas. É esse o estilo vigente que era perpetuado nas aulas de língua e que os estudantes reproduziam.

Ao questionar esse processo, Bakhtin, no exercício prático em sala de aula, procura despertar o aluno para as formas sintáticas modernas que faziam parte do contexto social, mas que eram ignoradas por eles. Vale lembrar que o movimento literário na Rússia era constituído por poetas revolucionários, como Maiakóviski, cuja linguagem estava pautada pela oralidade e pela fragmentação com o intuito de criar impacto.

Sob essa perspectiva, o estudo da gramática com a descrição das formas sintáticas de expressão, portanto de um ponto de vista monológico apenas, é inoperante. Pela descrição do método vigente, o autor afirma que um estudante aprende quando pode ou não substituir uma oração adjetiva por uma cláusula adjetiva, também aprende a fazer essa substituição, mas não lhe é ensinado quando e por que essas substituições devem ser feitas. Por isso o aluno não entende por que deve aprender a fazer tais substituições (BAKHTIN, 2013, p.25).

No texto de 1919, traduzido para o espanhol por Bubnova *Hacia una filosofía del acto ético* (1997) e para o português por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), Bakhtin discute as formas de conhecimento em que o conteúdo se apresenta separado do ato cognitivo, isentando o sujeito de sua responsabilidade ética. Tais conteúdos são impostos como leis imanentes, autônomas, separadas do sujeito histórico/singular. É o que ocorre na assimilação de conteúdos sem o envolvimento do ethos, como verdades que se desenvolvem sozinhas, independentes de um valor responsável assumido pelo sujeito. É assim que é transmitido o conhecimento no mundo da tecnologia, regulada por leis imanentes, sem que estas sejam submetidas a um processo avaliativo de sua finalidade cultural. Portanto, são impostas cegamente como fórmulas de aperfeiçoamento instrumental, cujo resultado são os atos de aplicação mecânicos, sem passar pelo crivo da reflexão ética. Como afirma Bakhtin:

Dá-se, então, o que ocorre no mundo da tecnologia, que conhece sua própria lei imanente a que se submete em seu impetuoso e irrestrito desenvolvimento, não obstante já há tempo tenha se furtado à tarefa de compreender a finalidade cultural desse desenvolvimento, e acabe contribuindo para piorar notavelmente as coisas em vez de melhorá-las; assim com base nas suas leis

internas, aperfeiçoam-se instrumentos que, *como* resultado, transformam-se de meio de defesa racional em uma força terrificante, letal e destrutiva. (2010, p.49-50).

Acompanhando o raciocínio do filósofo, percebe-se que os questionamentos relacionados à tecnologia são válidos também às formas de transmissão de conhecimentos, principalmente aqueles que já estão regulados por leis próprias de modo abstrato. Tais leis não podem ser transmitidas de modo automático, sem o envolvimento responsável do sujeito. O modo de avaliar essa forma de conhecimento, no plano filosófico, conduz à teoria do sujeito responsável por suas escolhas, e é sob esse prisma que a visão dialógica do ensino de gramática parece estar sendo encaminhada.

Ao desvincular o ensino da sintaxe do ponto de vista exclusivamente gramatical, o autor introduz um aspecto caro para a sua teoria dialógica de linguagem, o estilo. Nesse caso não o estilo como manifestação pura e simples da subjetividade do autor, mas segundo a concepção de estilo decorrente da duplicidade constitutiva em que autor/leitor/público integram a estruturação enunciativa.

Para o autor, é preciso demonstrar as diferenças de entonação e a dramaticidade de frases breves, pontuadas de modo incisivo. De acordo com Gogotishvili (2004), é possível supor que na aula, está delineada uma análise mais tradicional do ponto de vista sintático e entonacional, enquanto o artigo procura um novo tipo de análise estilística, numa abordagem dialógica da linguagem. O ponto de vista dialógico aparece porque os comentários extraídos a partir de recortes de obras de Pushkin e Gogol, não se reduzem à simples substituição, mas há uma tentativa de articular a expressão à proposta comunicativa dos autores, situados num tempo e num espaço específicos.

Para efeito demonstrativo do recurso da parataxe, o autor seleciona trechos significativos das obras de Pushkin e Gogol em que os termos de coesão são substituídos pelos dois pontos e pelo travessão. Ao demonstrar as possíveis variações de estruturação de tais orações, o autor enfatiza a proposta de comunicação de cada autor em suas obras e os efeitos obtidos, contrastando com as formas equivalentes do ponto de vista sintático, mas não discursivo. Esse talvez seja o ponto nodal que estabelece a diferença entre a proposta de Garcia (2000) e a de Bakhtin (2004). Garcia trata das possibilidades e dos efeitos, mas não discute a opção do autor em função de sua proposta comunicativa. A

ênfase recai essencialmente no estilo das frases em si, enquanto Bakhtin procura justificativa na proposta estilística do autor, do gênero discursivo e do contexto de produção.

Se retomarmos algumas considerações a respeito das formas gramaticais expressas no ensaio sobre gêneros discursivos, é possível estabelecer uma relação significativa. Para o autor, a escolha de tipos de orações pelo enunciador de um texto escrito, depende de uma série de fatores, inclusive do gênero discursivo em que o enunciado é concretizado:

Quando escolhemos um determinado tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. A concepção sobre a forma do conjunto do enunciado, isto é, sobre um determinado gênero do discurso, guia-nos no processo do nosso discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 286)

Essa afirmação é decisiva para entender a proposta pedagógica do ensino de língua, especificamente das estruturas sintáticas e de seus efeitos de sentido em função do gênero discursivo e da proposta comunicativa do enunciador, considerando seu tom valorativo e a relação de sentido com o contexto integral da obra.

Num comentário a respeito da materialização da palavra como signo, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), observamos a relação que se estabelece entre as escolhas linguísticas em função do contexto social e do leitor presumido:

Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. A individualização estilística da enunciação de que falam os vosslerianos, constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117)

Embora esse processo não seja diretamente mencionado nas anotações de aula, é ele que serve de orientação para os comentários que são feitos a

respeito das estruturas sintáticas e das propostas comunicativas de seus autores. Está também presente no primeiro exemplo citado por Bakhtin, a respeito da transmissão de uma informação em que a inversão da ordem cria efeitos de sentido diferentes.

Comentário comparativo: Garcia x Bakhtin

A obra *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar* de Othon M. Garcia, publicada pela primeira vez em 1967, apresenta uma proposta que se distancia da mera descrição gramatical, pelo viés da lógica na utilização dos recursos que a língua oferece.

Na primeira parte, dividida em capítulos, há um estudo exaustivo da frase desde a frase nominal até as construções complexas dos períodos e as respectivas formas de uso da ordem direta, indireta, das imagens e do estilo, do discurso direto, indireto e indireto livre. Na segunda parte, há cinco capítulos sobre o vocabulário, a escolha adequada dos termos, polissemia e contexto, generalização e especificação. A terceira parte trata do parágrafo em quatro capítulos, desde a descrição dos diversos tipos de parágrafo até a sua organização em função da escolha tipológica entre a descrição e a narração. A quarta parte trata da expressão lógica das ideias em enunciados comunicativos, da eficácia e falácia dos argumentos. A quinta parte apresenta os conceitos de análise e síntese como forma de organização do pensamento. A sexta parte discute as formas de gerar ideias tanto do ponto de vista da pesquisa quanto nas formas de criação mais livres. A sétima parte trata do planejamento dos textos a partir de exemplos literários. A oitava trata dos procedimentos necessários para elaboração de uma redação técnica. A nona parte fornece orientações para elaboração de originais. A décima parte consta de exercícios de aplicação.

Por essa descrição, já é possível traçar um comentário contrastivo entre as duas propostas. De um lado, Garcia elabora um verdadeiro tratado linguístico-estilístico, mas de maneira descritiva, com sugestões de aplicação. Distancia-se nesse momento da gramática prescritiva apenas, mas não entra no processo discursivo referente às relações dialógicas e às escolhas relacionadas ao contexto de produção. De outro, Bakhtin oferece uma proposta de ensino mais discursiva, porque procura estabelecer relação entre o uso da sintaxe e a proposta comunicativa do enunciador, como se observa no primeiro exemplo sobre o

relato de uma notícia, portanto uma expressão da oralidade, que Bakhtin discute dentro do princípio gramatical e estilístico desenvolvido por linguistas franceses na linha de Saussure (Bally, Thibaud e outros) e alemães na linha de Vossler (Leo Spitzer, Lorck, Lerch e outros):

“A notícia que eu ouvi hoje me interessa muito.”

“A notícia ouvida por mim hoje me interessa muito.”

São alternativas gramaticalmente corretas, mas há conotações estilísticas que devem ser discutidas com os alunos. No primeiro caso, há dois tópicos importantes que Bakhtin denomina “heróis”³ de acordo a versão em inglês, traduzidos na versão em português por protagonistas: Notícia e eu em torno dos quais as informações são distribuídas. No segundo, há um único tópico “notícia” e a ênfase no protagonista (notícia) é maior.

O tópico principal para Bakhtin é o uso da parataxe, que os alunos russos não utilizavam em seus textos. Assim, os comentários giram em torno de três exemplos de frases com uso de parataxe de textos poéticos, duas de Pushkin e uma de Gogol. O autor tenta demonstrar como a parataxe auxilia na dramatização dos fatos relatados nos enunciados. No comentário à frase de Pushkin “*Ele começa a rir – todos gargalham*”, o autor procura demonstrar aos alunos que a parataxe em substituição à hipotaxe é fundamental para obter o efeito dramático que a hipotaxe anularia. A substituição pelo uso de conjunções criaria um efeito descritivo sem a ênfase dramática e o dinamismo vivo do original. Como se pode observar, o comentário não se restringe ao emprego de estruturas sintáticas,

³ O termo “herói”, nos diversos textos de Bakhtin, difere da concepção vigente de herói, entendida como a personagem romanesca que desempenha um papel excepcional em obras de ficção. O termo nessa perspectiva teórica tanto pode referir-se à personagem quanto ao assunto ou ideia em torno da qual o texto se organiza. (Cf. VOLOCHINOV, Discurso na vida e discurso na arte, tradução para o português, feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, 1976, p.9, “Frequentemente, o ‘herói’ é meramente uma coisa inanimada, alguma ocorrência ou circunstância na vida”).

mas recorre também ao uso da pontuação como elemento integrante fundamental de sentido no enunciado pushkiano⁴ em que o hífen substitui a conjunção.

A frase de Pushkin se resume a duas orações simples com um total de quatro palavras em russo, mas é o bastante para revelar o papel de Onegin como líder de um grupo de monstros. Notamos também que a escolha do verbo “rir” para Onegin e “gargalhar” para os monstros põe em relevo a reação enfática do riso que demonstra como os monstros reagem às ações de seu líder.

Com a discussão do valor da parataxe para maior expressividade, em oposição ao uso das formas subordinadas com auxílio das conjunções, o professor, de acordo com Bakhtin, deve fazer um trabalho que demonstre aos alunos quando uma ou outra forma se fazem necessárias para elaborar um bom texto. Nem sempre a parataxe é a forma mais indicada. É preciso pensar, portanto nas propostas comunicativas dos mais variados gêneros discursivos. Sendo assim, o professor deve promover outra mudança na linguagem escrita dos alunos, de modo que de novo ela se aproxime da linguagem oral vivaz e expressiva, a língua da vida real. “Mas essa semelhança deve ocorrer em um nível superior de desenvolvimento cultural: aqui, o que é preciso, não é a ingênua e livre linguagem das crianças, mas a corajosa confiança e ousadia da linguagem que foi treinada em modelos clássicos”.

Afinal, a linguagem tem um efeito poderoso nos processos de pensamento de quem a produz. O pensamento criativo, original, exploratório que está em contato com a riqueza e complexidade da vida não pode se desenvolver em um substrato que consiste de formas de linguagem despersonalizadas, clichês, abstratas e livrescas.

Com esse comentário, Bakhtin deixa entrever sua preocupação com a linguagem como expressão da vida humana, posicionamento teórico constantemente reiterado ao longo de suas obras. O compromisso do homem

⁴ Levamos os alunos à conclusão que encerra nossa análise: o período sem conjunções de Púshkin não narra um acontecimento, mas o apresenta de modo dramático diante de nós por meio da própria forma de sua composição. Quando tentamos transmitir seu sentido com a ajuda da forma subordinativa com conjunções, passamos da apresentação para a narração e, portanto, por mais que colocássemos palavras adicionais, nunca transmitiríamos toda a plenitude concreta daquilo que foi apresentado. (BAKHTIN, 2013, p.36)

com o homem, do homem com a vida. O que fica nas entrelinhas desse artigo é o posicionamento filosófico da responsabilidade do homem com o seu dizer e de sua autonomia de escolhas que não se limitam a uma prática mecanicista de uso da língua. Segundo o autor (2004, p.2):

Toda forma gramatical é ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista de suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística. No estudo de alguns aspectos da sintaxe, aliás muito importantes, essa abordagem estilística é extremamente necessária. Isso ocorre, sobretudo, no estudo das formas sintáticas paralelas e comutativas, isto é, quando o falante ou o escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical. Nesses casos, a escolha é determinada não pela gramática, mas por considerações puramente estilísticas, isto é, pela eficácia representacional e expressiva dessas formas. (BAKHTIN, 2013, p.25)

Se na obra de Othon M. Garcia já existe uma sinalização da questão estilística, neste artigo de Bakhtin ela é explicitada de modo prático e sugestivo para reflexão e mudança de paradigma no ensino da gramática em sala de aula.

Considerações finais

A proposta que Bakhtin apresenta para o ensino de gramática, especificamente das estruturas sintáticas, não se encaixa em aplicações mecanicistas de modelos, mas servem de inspiração para outras práticas a partir de um diagnóstico prévio das necessidades de conhecimento de alternativas sintáticas para a produção escrita dos alunos. Desse modo, é possível torná-los aptos a usar a expressão escrita de modo criativo e autoral. A investigação prévia, como aponta Bakhtin, ao identificar a deficiência de seus alunos e a solução encontrada para resolvê-la, deve ser uma prática que vai ao encontro da proposta pedagógica bakhtiniana. Assim, o estilo associado às necessidades impostas pelo projeto comunicativo do autor, em relação ao contexto e ao horizonte social do leitor, é fundamental para a compreensão de uma gramática aplicada às necessidades imediatas de comunicação, sem fórmulas engessadas que preencham qualquer enunciado desconectado da linguagem em sua prática viva.

Portanto, essas notas de aula podem servir de referência, mas não de modelo a ser mecanicamente aplicado. Naturalmente, é uma prática inspiradora

de outras, em outros contextos, adequada aos alunos do século XXI, familiarizados com outras linguagens, como as da mídia, da publicidade, da internet, entre outras, cujas necessidades serão, conseqüentemente, outras na produção de enunciados para todos os tipos de gêneros discursivos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar: Stylistic in teaching russian language in secondary school. (Translated by Lydia Razran Stone) In *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 42, nº 6, november-december 2004, p.12-49.

_____. *Questões de estilística no ensino da língua* (trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo). São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. Os gêneros do discurso. In *Estética da criação verbal* (trad. Paulo Bezerra) São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

_____. *Problemas da poética em Dostoiévski*. (Trad. Paulo Bezerra), 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. (Trad. Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade), 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. (Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. / VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira), 12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

CHACON, Luiz. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

KOCK, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

MATUSOV, Eugene. Bakhtin polysemic notion of dialogue and monologue: education perspective. In: *Journey into dialogic pedagogy*, New York: Nova Science Publishers, 2009.

SKIDMORE, David. From pedagogical dialogue to dialogical pedagogy. *Language and Education*, 14 (4), 2000, p. 283-296. <http://dx.doi.org/10.1080/09500780008666794>

VOLOCHINOV, Valentin. (BAJTIN Mikhail, Mikhailovich) La palabra en la vida y la palabra en la poesia. Hacia una poética sociológica. In: BAJTIN M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores: y otros escritos. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona/Puerto Rico: Anthropos/Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1997.

_____. Discurso na vida e discurso na arte. Tradução de Cristóvão Tezza para fins didáticos da versão em inglês de VOLOCHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art (concerning sociological poetics). In: _____. *Freudianism. A marxist critique*. Trad. do russo de I. R. Titunik. New York Academic Press, 1976.

Recebido: 30/10/2013

Aprovado: 20/11/2013